

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
9 de Novembro de 2023

AS OPERAÇÕES SAAL / 2007

um filme de JOÃO DIAS

Realização, Argumento e Montagem: João Dias / **Imagem e Assistência de Realização:** Leonor Noivo / **Misturas:** Tiago Matos / **Com depoimentos de:** Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura, Nuno Portas, Gonçalo Byrne, Alexandre Alves Costa, Nuno Teotónio Pereira, Sérgio Fernandez, Manuel Vicente, José Veloso, José António Bandeirinha, moradores dos bairros SAAL, entre outros.

Produção: Abel Ribeiro Chaves, Optec / Bazar do Vídeo / **Direcção de Produção:** Maria de Lurdes Oliveira / **Cópia:** em DCP, cor, legendada em português nos diálogos em inglês / **Duração:** 97 minutos / **Primeiras apresentações públicas:** Trienal de Arquitectura de Lisboa e DocLisboa (Prémio Midas/Distribuição Melhor Documentário Português / **Primeira exibição na Cinemateca:** 27 de Maio de 2014, 25 de Abril, Sempre – Parte II. A Distância das Coisas.

com a presença de João Dias

Em **As Operações SAAL** João Dias regressa ao importante programa SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local, 1974-76), um dos projectos mais interessantes e mais estimulantes desenvolvidos em pleno Portugal pós-revolucionário ao nível das políticas urbanísticas e arquitectónicas, que envolveu arquitectos e cidadãos numa iniciativa conjunta única. Um filme que regressa a também a toda a controvérsia e discussão que o rodeou, para o interrogar.

Projectado pela primeira vez na Cinemateca em Maio de 2014, numa sessão conjunta com **Porto 1975**, de Filipa César, numa sessão integrada num ciclo em que se celebrava os 40 anos da Revolução de Abril (25 de Abril, Sempre – Parte II. A Distância das Coisas), ambos os filmes partilhavam um mesmo trabalho sobre a memória de Abril e sobre esse período marcante da história do país, que correspondeu aos primeiros anos da democracia portuguesa.

Ambos têm em comum a realidade que documentam em registos muito diferentes, mas liga-os ainda o modo como abordam um projecto emblemático do SAAL-Norte, iniciado em 1975 e só concluído em 2002, sendo que **As Operações SAAL**, o filme de João Dias, aborda o programa SAAL de uma forma mais abrangente, reflectindo retrospectivamente sobre o modo como se desenvolveu e as especificidades e idiosincrasias das várias experiências em distintas zonas do país.

Partindo de entrevistas a arquitectos, coordenadores do programa, ou moradores dos respectivos bairros, João Dias procura traçar as diferenças e as semelhanças entre os vários projectos que derivaram de um projecto governamental implementado pelo Arquitecto Nuno Portas, que visava resolver problemas habitacionais de populações muito carenciadas, numa estratégia participada pela comunidade.

Entre depoimentos de Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Alexandre Alves Costa, José Veloso ou Albano Pereira, há posições e argumentos que são colocados em confronto que apontam para as diferenças entre o SAAL-Norte, o SAAL-Lisboa e o SAAL-Algarve e para as discussões em torno da autoconstrução ou dos níveis de participação. Há frases emblemáticas que sugerem a urgência do momento como: “Façam as casas como se fossem para vocês, que nós gostamos” ou “Estamos fartos de conversas”. Frases que encontram o seu equivalente no modo como Nuno Portas descreve a urgência de obtenção de resultados por parte do MFA. Independentemente das imagens de arquivo, que mostra numa articulação retrospectiva, **As Operações SAAL** dialoga com muitos outros filmes que documentavam “a quente” as conquistas do SAAL, entre os quais as produções da Cinequanon e da Cinequipa de meados dos anos 70, como **Arquitectura e Habitação** e **Direito à Habitação**, em que se faz também referência à bomba colocada na sede do SAAL-Norte, todos eles já exibidos na Cinemateca.

E se o filme se constrói numa contínua articulação entre presente e passado, em **As Operações SAAL** João Dias desloca o SAAL para dois presentes. Não apenas o presente daqueles que falam sobre as casas que obtiveram no âmbito do programa ou dos arquitectos que as projectaram e construíram e o presente dessas mesmas construções, mas também o presente daqueles que, na zona de Lisboa, lutam em 2007 (o ano do filme) pelo mesmo direito à habitação e substituem as palavras de ordem tão referidas no PREC “**Casas Sim, Barracas Não!**” – que deram mesmo o título a dois raros filmes realizados no período pós-revolucionário em Super8 por Nuno Monteiro Pereira e por José Ernesto de Sousa –, por “Habitação Sim, Demolição Não!”.

Esta actualização num presente abrangente de questões colocadas num tempo passado é uma das grandes qualidades de filme que, hoje em 2023, continua tristemente a ter uma pertinentíssima actualidade. Um filme que convoca a importância de um movimento comunitário e cooperativo que urge recuperar como um modo possível de responder à enorme crise de habitação que presentemente vivemos, expressa em movimentos de cidadãos que, cinquenta anos depois do 25 de Abril de 74, retomam os slogans da revolução. Face à omnipresença dos despejos e de gente que todos os dias perde as suas casas, percebemos como este direito, que constitui um dos pilares da democracia, está hoje muito longe de ser cumprido.

Joana Ascensão